



Agradecemos

à Biblioteca Nacional de Portugal a autorização para utilizar a imagem do manuscrito utilizado (cota ALC.212),

a Ricardo Marques pela cedência das fotografias.

# Da Letra ao Imaginário

Homenagem à Professora Irene Freire Nunes

Helder Godinho (dir.)

Margarida Alpalhão, Carlos Carreto, Isabel Barros Dias (org.)



**DA LETRA AO IMAGINÁRIO**  
**HOMENAGEM À PROFESSORA IRENE FREIRE NUNES**

**COORDENAÇÃO**

Helder Godinho (dir.)  
Margarida Alpalhão  
Carlos Carreto  
Isabel Barros Dias

**EDIÇÃO**

CEIL – Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário  
FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais  
e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

**CAPA**

Composição de Inês Mateus sobre  
BNP ms. ALC. 212 e Fotografias de Ricardo Marques

**DESIGN GRÁFICO**

Inês Mateus

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Gráfica Simões & Gaspar, Lda.

**ISBN** 978-989-98628-0-7

**DEPÓSITO LEGAL** 368720/13

# Índice

## **Prefácio**

Da Letra ao Imaginário: uma homenagem ..... 9

## **CONFERÊNCIAS**

### **A Ficção, o Imaginário e a Realidade — algumas considerações**

*Helder Godinho* ..... 13

### **Astros de Fogo, Serpentes e Dragões nos Céus da Hispânia**

*José Carlos Ribeiro Miranda* ..... 21

### **Au pied de la lettre: les pieds de l'incube. Sur une leçon du Merlin de Robert de Boron (manuscrit de Bonn)**

*Philippe Walter* ..... 39

## **COMUNICAÇÕES**

Imaginários Fundadores

### **Prólogos de isopetes – das coleções medievais de fábulas em francês ao Livro de Exopo**

*Ana Paiva Morais* ..... 55

### **Imaginários *in-significantes*. A estranha avareza de Isolda no *Tristan de Bérout***

*Carlos F. Clamote Carreto* ..... 69

### **Mulheres Medievais: Histórias de Proveito e Exemplo**

*Graça Videira Lopes* ..... 87

### **Lettre, écriture, écrivain dans l'imaginaire des Prologues de la littérature roumaine ancienne**

*Laura Lazăr Zăvăleanu* ..... 99

### **The Alphabetic Order and the Order of the Cosmos in Antiquity**

*Laurence de Looze* ..... 113

### **De l'histoire au mythe: Guillaume de Machaut et Jean de Luxembourg**

*Margarida Madureira* ..... 129

### **G como Genebra — a feiticeira Genebra Pereira do teatro vicentino**

*Maria José Palla* ..... 139

<b>Nota de rodapé para o estudo do Amadis de Gaula de Gil Vicente</b>	
<i>Nuno Júdice</i> .....	143
<b>“Preocupa-te Contigo Próprio” (Abū ‘ Ymrān Mūsā) / “Preocupa-te com Deus” (Abū Ŷa’far Al-’ Uryanī): O Caminho da Perfeição na Via Iniciática da Mística Sufi</b>	
<i>Natália Maria Lopes Nunes</i> .....	149
<b>O Início de uma Lenda: A Relação Quinhentista de «Os Doze de Inglaterra»</b>	
<i>Rogério Miguel Puga</i> .....	159
<b>A Simbólica do Graal: Notas e reflexões</b>	
<i>Yvette Kace Centeno</i> .....	171
<b>Quando a nossa vida vira paisagem</b>	
<i>Teresa Rita Lopes</i> .....	183
AUTORES, FICÇÕES E IMAGINÁRIOS	
<b>L’imaginaire des espaces clos chez Anne Hébert</b>	
<i>Anca Măgurean</i> .....	189
<b>Le retour d’Assia Djebar à travers la mémoire et l’imaginaire</b>	
<i>Briana Belciug</i> .....	197
<b>O Poder Pictórico da Arte Verbal de José Saramago e de Vergílio Ferreira</b>	
<i>Célia Maria Costa Pinto</i> .....	203
<b>Palimpsestos edipianos n’A Loja das Duas Esquinas (2009), de Fernando Campos</b>	
<i>Cristina Costa Vieira</i> .....	217
<b>A cidade em ruínas: representações dum cenário literário em H. P. Lovecraft e Julien Gracq</b>	
<i>Dora Nunes Gago</i> .....	235
<b>La Construction de l’Imaginaire dans la Métafiction</b>	
<i>Elena Ciocoiu</i> .....	243
<b>Cinco Imagens do Texto</b>	
<i>Fernando Cabral Martins</i> .....	257
<b>Realité de l’Imaginaire: Solution pour le «mystère de l’existence»?</b>	
<b>F. Pessoa et H. Hesse</b>	
<i>Fernando Ribeiro</i> .....	265
<b>Morte na Pérsia — Hesitação e Fragilidade no Vale de Lar</b>	
<i>Gilda Nunes Barata</i> .....	279

<b>A Sacralização da Palavra: Da «Alquimia do Verbo» de Rimbaud à Nomeação essencial de Sophia de Mello Breyner Andresen</b>	
<i>Helena Malheiro</i> .....	287
<b>Construir o Ideal — Idealizar o Realismo: um manuscrito de Eça de Queirós</b>	
<i>Irene Fialho</i> .....	297
<b>Cartas entre amigos: abrigos cúmplices de caligrafias entrelaçadas</b>	
<i>Isabel Roboredo Seara</i> .....	311
<b>Da terra ao texto: o labor de Horácio Bento de Gouveia</b>	
<i>Marco Livramento</i> .....	329
<b>A ordem figural do quotidiano</b>	
<i>Maria Carolina Fenati</i> .....	343
<b>Les Chansons de Bilitis ou o «sexo-de-ler» de Maria Gabriela Llansol</b>	
<i>Paula Mendes Coelho</i> .....	353
<b>O facto e a ficção na memória histórica. Sobre a obra de Imre Kertész.</b>	
<i>Piroska Felkai</i> .....	367
<b>Des littéralités pour sourire des imaginations</b>	
<i>Serge Bismuth</i> .....	375
<b>Au bal avec Marcel Proust — l’imaginaire et la mémoire, un jeu épistolaire</b>	
<i>Simona-Veronica Ferent</i> .....	389
<b>A Poética do Imaginário em Grande Sertão: Veredas</b>	
<i>Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes</i> .....	403
<b>Irène, chère reine de mon coeur</b>	
<i>Ricardo Marques</i> .....	417
EDIÇÕES, RELEITURAS E REESCRITAS	
<b>Merlin ou o legado do conhecimento</b>	
<i>Ana Margarida Chora</i> .....	425
<b>O «Diálogo Segundo» de Francisco de Moraes, ou como vencer um debate com armas alheias. Contributo para uma nova proposta de datação.</b>	
<i>Ana Sofia Laranjinha</i> .....	439
<b>O «Diálogo Terceiro» de Francisco de Moraes: paródia de costumes e censura</b>	
<i>Isabel de Barros Dias</i> .....	453
<b>A Mulher na Crónica dos Frades Menores: Anjo ou Demónio?</b>	
<i>Lina Maria Marques Soares</i> .....	465

<b>Em torno da censura da obra de Francisco de Moraes: a propósito do seu «Dialogo Primeiro»</b>	
<i>Margarida Santos Alpalhão</i> .....	475
<b>Ropica<sup>n</sup>nefma</b> revisitada nos alvares do século XXI: questões editoriais	
<i>Teresa Gonçalves de Castro e Natália Albino Pires</i> .....	491

# Astros de Fogo, Serpentes e Dragões nos Céus da Hispânia

José Carlos Ribeiro Miranda

Universidade do Porto | SMELPS/IF/FCT

«Draco dormiens nunquam titillandus»

J.K.Rowling, *Harry Potter*

## I

A observação de velhas crónicas, anais e outros escritos historiográficos do ocidente hispânico, quando Castela era ainda um condado e Portugal um projecto por definir, para além de um inestimável repositório de testemunhos de ocorrências políticas, pode ser também reveladora de curiosos fenómenos do imaginário. No caso que nos interessa, de um imaginário em que a dimensão cosmológica acompanha o evento político. O ponto de partida das presentes reflexões resulta da observação de um dos mais antigos testemunhos historiográficos em galego-português, que é a tradução da *Crónica de Castela*, executada no início do séc. XIV a partir de um original naturalmente redigido em castelhano. A versão ocidental dessa crónica possui um breve trecho que lhe serve de introdução cujo propósito é sumariar a história peninsular desde a queda do reino visigótico até ao tempo de Fernando Magno. A certa altura, logo a seguir à referência à batalha de Simancas, pode ler-se o seguinte:

Em este tempo ssayo chama do mar, sabbado primeyro dia de juyo, et açendeo muytas villas et queymou os homes e as bestas et as anjmallas, et no mar mesmo arderõ muytas peñas, et de Çamora ardeo o muro et queymou Carrõ et Castroxerez et Pam Coruo et outras muytas villas; et esto ffuy na era IX çentos lxxxvij ãnos<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O conteúdo integral do manuscrito 8187 da Biblioteca Nacional de Madrid (ms A), no qual a referida versão da *Crónica de Castela* se inclui, foi editado por Ramón Lorenzo, *La Traducción*

A batalha de Simancas foi um dos mais importantes recontros militares travados antes do ano mil na Península. Aconteceu por volta do ano 939 da era cristã, tendo oposto a hoste dos reinos cristãos do norte, chefiada pelo rei Ramiro II de Leão, ao poderoso Abd-El-Rahman III, o primeiro califa muçulmano cujo poder foi independente de Damasco. Terminou com a inesperada vitória da coligação comandada pelo rei leonês<sup>2</sup>.

O texto acima reproduzido relata eventos um tanto insólitos ocorridos por altura dessa batalha, cuja natureza cumpre averiguar. Como sempre sucede nestas situações, é necessário proceder com método e realizar um conjunto de operações críticas antes de emitir qualquer juízo sobre o conteúdo do relato. Entre essas operações, conta-se a averiguação da respectiva origem, nomeadamente saber quando e por quem foi escrito. A tarefa não revelou muitas dificuldades, sendo possível apurar que esta pequena narrativa era proveniente de um conjunto de anais escritos em Castela numa época muito recuada, provavelmente ainda no séc. X, próxima, portanto, da altura em que se terão situado os eventos relatados<sup>3</sup>.

Entre as várias redacções a que tivemos acesso, aquela que se aproximava mais do trecho galego-português pareceu-nos ser a dos *Anais Compostelanos*, podendo assumir-se que terá mesmo sido a sua fonte directa:

(939) Kalend. Junii die sabbati flamma exivit de mari & incendit plurimas villas & urbes & homines & bestias & in ipso mari pinnas incendit & in Zamora unum barrium & in Carrion & in Castro Xeriz & in Burgis & in Berviesca & in Calzada & Ponticorvo & in Buradon & alias plurimas villas combusit<sup>4</sup>.

---

*Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla, edición crítica anotada, con introducion índice onomástico y glosário*, Il voll, Orense, Instituto de Estudios Orensanos Padre Feijóo, 1975-1977, encontrando-se o texto em causa na p. 902 do vol. I (foll. 90r/v).

- <sup>2</sup> Uma abordagem histórica recente deste evento histórico pode encontrar-se em Justiniano Rodríguez Fernández, *Ramiro II, rey de León*, Burgos, Editorial La Olmeda, 1998, p. 61 e seg..
- <sup>3</sup> Tratamos do assunto em José Carlos Ribeiro Miranda, «A Introdução à Versão Galego-Portuguesa da Crónica de Castela (A2a): Fontes e Estratégias», in *Seminário Medieval 2007-2008*, A.S. Laranjinha/ M.R.Ferreira/ J. C. Miranda (orgs), Porto, Estratégias Criativas, 2009, p. 61-98.
- <sup>4</sup> Os *Annales Compostellani* parecem ser o conjunto analístico com o qual o presente excerto mais se aparenta neste ponto concreto. Embora o *Cronicon Burgense* esteja também muito próximo, revela-se contudo mais extenso, com alguns segmentos verbais que não se encontram no texto galego-português (referência à hora do acontecimento «hora nona»; acrescento de «casas plurimas»). Além disso, o *Cronicon Burgense* utiliza apenas uma forma verbal relativa ao

Ora temos então que uma narrativa quase contemporânea da batalha de Simancas declarava que esta fora acompanhada de um fenómeno astral, consistindo no surgimento de uma chama vinda do mar que, atravessando os céus de Ocidente para Oriente, fizera estragos em várias localidades dos territórios leonês e castelhano. De que se tratara? Estaremos no domínio da meteorologia e da astronomia, ou apenas no da convocação de um imaginário astral com o propósito político de encarecer uma vitória militar cristã sobre o poder muçulmano, talvez a maior até à altura?

Os comentadores de textos literários não hesitarão em escolher esta última possibilidade, perante a evidência de uma tradição — que remonta à Antiguidade — de fazer acompanhar batalhas importantes de ocorrências celestes de imponente dimensão, como se os astros agissem em sintonia com os confrontos humanos. Na realidade, segundo narra Heródoto no Livro I das suas *Histórias*<sup>5</sup>, a célebre batalha de Halys, entre Medos e Lídios, em 585 A.C., foi interrompida por um eclipse, interpretado como juízo celeste sobre a inutilidade do mencionado confronto. Eclipses antes ou durante as batalhas, ou paragens do Sol no seu movimento através do firmamento, tornaram-se motivos correntes, podendo achar-se em textos tão diversos como o *Antigo Testamento*<sup>6</sup> ou a *Chanson de Roland*<sup>7</sup>. Mais interessante, todavia, porque mais próxima do caso que nos ocupa, é a narrativa de Quintus Curcius Rufus, na sua muito divulgada biografia de Alexandre (*Historiarum Alexandri Magni Macedonis*, Livro IV) que conta que caíram *flammas* do céu durante uma das expedições do celebrado chefe militar macedónio<sup>8</sup>, episódio que é repetido no *Alexandreis* de Gautier de Chatillon e,

---

fogo provocado («combusit»), contra duas do texto compostelano («combusit/incendit») e três do excerto galego-português («açendeo/queymou/ardeo-arderõ»). Ver textos em Enrique Flórez, *España Sagrada*, vol. XIII, Madrid, Antonio Marin, 1767, p. 305 e seguintes.

<sup>5</sup> Cf. <http://classics.mit.edu/Herodotus/history.1.i.html>

<sup>6</sup> Cf. *Amós*, 8, 9; *Jeremias*, 6, 4-5, etc..

<sup>7</sup> «Cuntre midi tenebres i ad granz:/ Ni ad clartet se li ciels nen i fent/ Hume ne li veit ki moult ne s'espoënt», Ian Short (ed.), *La chanson de Roland*, Paris, Librairie Générale Française, 1990, pp. 120-121 (laisse 110). Embora devidamente ponderado e avaliado por Eleanor Webster Bulatkin, *Structural Arithmetic Metaphor in the Oxford "Roland"*, Columbus, Ohio State University Press, 1998, p. 55 e seg., este evento solar, em conjunto com outras catástrofes associadas à terra de França — terremotos e tempestades... — está ausente do estudo de Jacques Berlioz, *Catastrophes naturelles et calamités au Moyen Age*, Firenze, Sismel – Edizioni del Galluzzo, 1998.

<sup>8</sup> Cf. [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Curtius/4\\*.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Curtius/4*.html)

de um modo muito detalhado, no castelhano *Libro de Alexandre*, escrito antes de 1240<sup>9</sup>.

Não temos meios de apurar se o redactor de uns muito modestos anais de matéria castelhana conheceu ou não Rufus, mas tal conhecimento não é de todo impossível, dada a divulgação da sua obra a partir do séc. X. Seja como for, na mesma altura em que é redigida a referida notícia analística, um escritor italiano, Liutprandus, Bispo de Cremona, também se refere ao assunto, validando flagrantemente a descrição dos anais castelhanos e acrescentando-lhe ainda detalhes extraordinários, nomeadamente que o dito fenómeno astral também atingira a Itália, sendo visto como um presságio da fome e miséria vindouras, e que teria sido precedido de um eclipse...

Hoc in tempore (An 939, Jul. 19), ut ipsi bene nostis, sol magnam et cunctis terribilem passus est eclipsin, sexta feria, hora diei tertia; qua etiam diei Abderahamem, rex vester, a Radamiro christianissimo rege Galletiae in bello est superatus. Sed et in Italia octo continuis noctibus mirae magnitudinis cometa apparuit nimiae proceritatis igneos ex sese radios fundens, subsecuturam non multo post famem portendens, quae magnitudine sui misere vastabat Italiam<sup>10</sup>.

É claro que o Bispo de Cremona poderá apenas ter usado a mesma estratégia do redactor dos anais, insistindo e aumentando o relato de eventos providenciais que pressagiarium ou consagrarium a vitória de Ramiro II. Não sabemos, aliás, se não terá conhecido esses mesmos anais, o que também não deixa de ser possível.

Todavia, se essa retórica de encarecimento era usada do lado dos vencedores para exaltar o feito bélico do lado cristão, por que razão terá sido igualmente

---

<sup>9</sup> Cf. *Libro de Alexandre*, ed. Jesús Cañas, Madrid, Cátedra, 2007 (5ª ed.), p. 310 (est. 952-953). Sobre o assunto, ver José Hernando Pérez, *Poema de Fernán González e Hispano Diego García*, Salamanca, Publicaciones Universidad Pontificia, 2001, p. 297-298.

<sup>10</sup> «Neste tempo (19 de Julho de 939), como bem sabeis, o sol sofreu um enorme e terrível eclipse à hora de terça na sexta-feira; e ainda que nesse dia Abderahamem, o vosso rei, foi derrotado em campo de batalha por Ramiro, cristianíssimo rei da Galiza. Porém em Itália, durante oito noites seguidas, apareceu um cometa de extraordinária dimensão a grande altitude, lançando de si raios de fogo e prenunciando a fome que se seguiria não muito depois que miseravelmente devastou a Itália», Liutprandus, Bispo de Cremona, *Historia gestarum regum et imperatorum sive Antapodosis* (consultado em [http://www.documentacatholicaomnia.eu/a\\_1101\\_Chronica\\_Historiaeque.html](http://www.documentacatholicaomnia.eu/a_1101_Chronica_Historiaeque.html)).

caucionada pelos vencidos? É que a *Crónica de Abd-Al Rahman III, Al Nasir*, redigida pela mesma altura, indica também que durante vários dias antes da batalha de Simancas o Sol surgiu encoberto e o ar se apresentou turvo<sup>11</sup>. É, contudo, verdade que esta crónica apenas menciona o escurecimento do ar, nada dizendo sobre a «estrela de fogo», deixando o leitor sem saber ao certo se é do mesmo fenómeno que se trata...

Observando estas indicações no seu todo, e explorando uma outra possibilidade — a de conterem alguma referencialidade histórica —, duas hipóteses nos ocorrem: a primeira, é que o relato poderá referir-se à queda de um meteorito, que teria percorrido uma rota de Oeste para Leste, tendo a sua dimensão sido tal que lhe teria permitido vencer uma distância de mais de mil quilómetros, fazendo-o terminar a viagem em Itália<sup>12</sup>; a segunda, é que pode estar em causa um fenómeno semelhante à erupção de um dos vulcões da Islândia, cujos efeitos foi possível testemunhar há cerca de três anos<sup>13</sup>. Tanto a primeira parte do relato do bispo de Cremona, falando de um eclipse, como a crónica do califa de Córdoba, com o seu céu escurecido, podem apontar nesse sentido. A ter tido lugar uma erupção de grande dimensão, não seria de surpreender um período de vários dias em que até no Sul da Europa o céu se teria apresentado toldado pelas cinzas vulcânicas. Esta possibilidade tem a seu favor a existência de registos uma erupção vulcânica na Islândia no ano de 934<sup>14</sup>. Apenas teria sido necessário aos redactores dos anais deslocá-la no tempo para um período mais próximo da conhecida batalha, passando assim a ser possível atribuir-lhe a função de signo astral associado a esta última.

---

<sup>11</sup> Cf. Ibn Hayyan de Córdoba, *Cronica del califa Abdarrahan III An-Nasir III entre los años 912 e 942*, trad. Maria de Jesús Viguera e Federico Corriente, Zaragoza, Anubar Ediciones, 1981, p. 336.

<sup>12</sup> Por estranha coincidência, quando estamos a ultimar a redacção do presente texto pudemos presenciar — e o mundo inteiro também, através de sucessivas imagens televisivas ou via *internet* — a queda na Rússia de um meteorito de dimensões apreciáveis, no dia 15 de Fevereiro de 2013, tendo produzido um conjunto de efeitos que se aproximam em muito daquilo que é narrado no excerto que agora comentamos...

<sup>13</sup> A erupção do vulcão Eyjafjallajökull na Islândia, em Março de 2010, produziu um obscurecimento da atmosfera tal que paralisou a actividade aeronáutica durante vários dias nos países do norte da Europa. Imagens e descrição do evento podem ser encontrados em [http://en.wikipedia.org/wiki/2010\\_eruptions\\_of\\_Eyjafjallaj%C3%B6kull](http://en.wikipedia.org/wiki/2010_eruptions_of_Eyjafjallaj%C3%B6kull)

<sup>14</sup> Cf. <http://en.wikipedia.org/wiki/Eldgj%C3%A1>

Como quer que seja — e permanecerá sempre a dúvida sobre o que realmente terá acontecido<sup>15</sup> — estas narrativas revelam a existência e a difusão, desde a Antiguidade até ao coração da Idade Média, de um *imaginário astral* em íntima associação com a actividade guerreira. Diremos mesmo que se trata de um imaginário astrológico, já que fenómenos cósmicos de tipo natural são convocados em ligação estreita com actos humanos envolvendo as colectividades no seu todo, como se entre estes actos e o mundo celeste houvesse uma inevitável sintonia...

## II

Ainda e uma vez mais em associação com batalhas de uma importância crucial para o devir do xadrez político ibérico, um imaginário de tipo diferente começa a insinuar-se logo no início do séc. XII, expandindo-se rapidamente de seguida. É disso prova o surgimento das aparições do Apóstolo Santiago em campo de batalha, que tem início com a narrativa da conquista de Coimbra por Fernando Magno incluída na *Historia Silensis* (circa 1120), aparições destinadas a ter uma extraordinária fortuna, como é sabido, e às quais voltaremos adiante<sup>16</sup>.

Todavia, é de chamar a atenção para uma evolução desse imaginário astral atrás referido, que se dá em Portugal com a redacção, no mosteiro de Santa Cruz, de um relato consagrado à conquista de Santarém. Nesse texto, assistimos — pela primeira vez em âmbito ibérico conhecido — ao surgimento, a par dos fenómenos astrais, de outras ocorrências cujo sentido é diverso mas que se oferecem como continuação e transfiguração desses mesmos fenómenos. Vale a pena ver o texto latino, que fazemos acompanhar de uma tradução nossa:

---

<sup>15</sup> Adensando a dúvidas sobre este tipo de ocorrências transmitidas pelos relatos históricos, a NASA possui um «site» (<http://eclipse.gsfc.nasa.gov/SEhistory/SEhistory.html>) onde indica a precisa data de ocorrências deste tipo narradas por vários escritores da Antiguidade...

<sup>16</sup> Sobre o tema, ver Emma Falque, «El llamado *Privilegio de los votos*, fuente del *Chronicon mundi* de Lucas de Tuy», *Habis*, 33 (2002), p. 573-577; José Carlos Ribeiro Miranda, «Do rex Ranemirus ao rei Ramiro: emblemas da heráldica literária no Ocidente ibérico entre os finais do séc. XIII e os inícios do séc. XIV», in *Actas del XIII Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval. In Memoriam Alan Deyermond*, I, 2010, Valladolid, Ayuntamiento de Valladolid y Universidad de Valladolid, p. 161-182. A narrativa da aparição de Santiago durante a conquista de Coimbra está ainda presente no Livro II do *Codex Calixtinus*, redigido por meados do séc. XII. Cf. Maria do Amparo Tavares Maleval, *Maravilhas de São Tiago. Narrativas do Liber Sancti Jacobi (Codex Calixtinus)*, Niterói, EDUFF, 2005, p. 166-169.

...uidimusque miraculum quod maxime nostros erexit animos. Siquidem quedam stella magna ardens ut facula, discurrens per celi plana a parte dextera, prolapsa est in mare, maxime illuminans puperficiem terre, diximusque continuo: «tradidit dominus ciuitatem in manibus nostris!». Similiter et ipsis eo die quod pax est soluta, orrendum apparuit prodigium, portendens eorum in tercia nocte futurum excidium: Namque uiderunt media die quasi quendam colubrum ferri per celi comis ignitum a cauda usque ad caput, et prophetauerunt inter eos sapientes nouum regem habere Sanctaren<sup>17</sup>.

Reconhecemos com facilidade que aquela «estrela cadente» de que primeiro se fala, muito luminosa e evoluindo rapidamente até cair no mar, se inscreve na mesma linha dos fenómenos astrais que referimos, embora o seu carácter episódico e ausência de consequências para os humanos a singularize e, de alguma forma, restrinja o âmbito do seu significado, já que não suscita reacções de pavor por parte de ninguém.

Surpreendente é, todavia, a necessidade sentida pelo escritor de adicionar um segundo fenómeno inesperado logo a seguir ao primeiro, como se esse não fosse suficiente para cumprir a função de condicionamento da acção humana pelas forças supra-lunares desempenhada até então pelos movimentos astrais. Este segundo fenómeno, qualificado não como um neutro *miraculum*, mas sim como um *orrendum prodigium*, é o aparecimento no céu de uma serpente — uma cobra no masculino, para ser mais preciso —, cujas características fundamentais são, contudo, idênticas às do primeiro fenómeno, já que se trata, da cabeça à cauda, de um animal de fogo, que se limita a aparecer, a ser visto e, seguidamente, a desaparecer. Embora medonho, não é um fenómeno de carácter

---

<sup>17</sup> «...vimos um milagre que elevou ao máximo o nosso ânimo. Assim, uma grande estrela, ardendo como uma tocha, percorreu visivelmente o céu do lado direito e precipitou-se no mar, iluminando toda a superfície da terra. Dissemos logo: “O Senhor colocou a cidade nas nossas mãos!”. Do mesmo modo, nesse dia em que a paz foi interrompida, aconteceu um horrendo prodígio, pressagiando a derrota deles [dos mouros] na terceira noite. Todos viram então ao meio dia uma espécie de cobra atravessando o céu, formada de tal modo que ardia desde a cauda até à cabeça, e profetizaram os sábios deles que Santarém iria ter um novo rei», «De Scalabis Expugnatione», in *Portugaliae Monumenta Historica. A saeculo octavo post christum usque ad quintumdecimum. Scriptores*, Alexandre Herculano (ed.), Lisboa, Academia Scientiarum, 1867, p. 93-95. Sobre este breve escrito, ver o estudo recente de Aires do Nascimento, «O Júbilo da Vitória: Celebração da Tomada de Santarém aos Mouros (A.D. 1147)», in *Actes del X Congres Internacional de l'Associacio Hispanica de Literatura Medieval*, edició a cura de Rafael Alemany, Josep Lluís Martos i Josep Miguel Manzanaro, Vol. III, Alacant, 2005, p. 1224-1232

directamente ameaçador, já que não é dito que provoque pânico ou reacções de defesa por parte dos combatentes, embora a sua qualificação negativa, ao contrário do que sucede com a estrela luminosa, esteja bem patente.

São ambos — a estrela e o *culubrum* — apenas signos. O respectivo surgimento suscita da parte do redactor uma interpretação que é dada ao leitor sob a forma de exclamações proferidas pelos guerreiros de ambas as partes, transformando as ditas aparições em instrumentos premonitórios de uma vitória futura da hoste cristã contra o muçulmano. Esta função unicamente simbólica está de acordo com o carácter não agressivo que ambos os fenómenos apresentam, apesar da imponência de cada um.

Ora, se tais características podem ser compreensíveis no tocante à estrela, já quanto à serpente (ou cobra) — a primeira aparição do género de que temos registo na Península Ibérica — são algo inesperadas. Na realidade, o carácter agressivo e ameaçador andava frequentemente associado a animais fantásticos deste tipo tanto na literatura do norte de Europa (*Beowulf*, versões em verso do *Roman de Tristan*, *Nibelungenlied*) como na tradição bíblica (*Livro de Daniel* ou *Apocalipse*), embora tal não sucedesse em todas as ocasiões. Porém, a tradição literária conhecida no séc. XII contemplava também a representação deste animais enquanto entidades não definidas pelo contacto com os humanos, como sucede com os dois célebres dragões que abalavam a torre de Vortigern na *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, mais tarde contada também no *Livre de Merlin*<sup>18</sup>. A nosso ver, o *colubrum* do *De Sacalabis Expugnatione* está mais próximo deste último exemplo do que dos primeiros, já que não corporiza a figura do adversário terrível que os caracteriza, não pondo também em causa a ausência de dimensão ética do imaginário astrológico ibérico que referimos, ou seja, a sua indefinição perante o critério do Bem contra o Mal.

### III

Anos mais tarde, por volta de 1260, é redigido em Castela — na Castela matricial do Nordeste peninsular, em meios afectos ao mosteiro de Arlanza e provavel-

---

<sup>18</sup> O *Livre de Merlin* foi posteriormente incluído no mais vasto dos ciclos arturianos em prosa que circularam na Península Ibérica, estando na origem do *Baladro del Sabio Merlin* onde é possível ler a mencionada narrativa da torre de Vortigern e dos dois dragões. Consultar o texto em Tracy Van Bishop, *A Parallel Edition of the Baladro del Sabio Merlin: Burgos 1498 and Seville 1535*, University of Winsconsin-Madison (dissertação policopiada), 2002.

mente aos grupos da nobreza guerreira estabelecidos nesse território —, um texto conhecido como *Poema de Fernán González*<sup>19</sup>. O propósito desse texto, como o de alguns outros que o precederam, é o de retomar a História Ibérica reescrevendo-a sob um ponto de vista castelhano<sup>20</sup>, usando a língua vulgar castelhana e, sobretudo, assumindo um partido declaradamente anti-leonês.

Embora saibamos que, dada a sua convencionalidade, toda a escrita é, em maior ou menor grau, infiel relativamente a qualquer objecto exterior que pretenda retratar, as reescritas são, por definição, processos que encontram o seu fundamento no incremento e refinamento desse mesmo princípio de infidelidade. No domínio da historiografia, tal facto tem vindo nos últimos tempos a ser quase consensualmente admitido<sup>21</sup>. Em obediência a uma estrutura narrativa de carácter essencialmente épico, um dos momentos altos da acção no *Poema de Fernán González* consiste na retoma da narrativa da batalha de Simancas que os anais tratavam da forma que referimos, sendo este um dos pontos onde as infidelidades de que falávamos se tornam mais flagrantes. Se é verdade que as velhas crónicas leonesas silenciavam o papel desempenhado nessa batalha pelo conde de Castela, Fernán González, o *Poema* vai proceder exactamente do mesmo modo, só que relativamente a Ramiro II, o rei de Leão. No limite,

---

<sup>19</sup> Uma bibliografia actualizada sobre este importante poema pode consultar-se no informado estudo de Luis Fernando Gallardo, «*La idea de 'cruzada' en el Poema de Fernán González*», *eHumanista* [Em linha]. Vol 12, (2009). [Consult. 20 Set. 2012] [http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume\\_12/articles/Fernandez%20Gallardo.pdf](http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_12/articles/Fernandez%20Gallardo.pdf).

<sup>20</sup> A castelhanização da história dos reinos cristãos ibéricos, inicialmente de raiz inteiramente leonesa, dá-se com a *Crónica Najerense* e com o *Liber Regum*, nos finais do séc. XII, prosseguindo com a *Historia Regum Castellae*, de Juan de Osma, nos inícios do século seguinte. Sobre estes textos, ver Georges Martin, *Les Juges de Castille: mentalités et discours historique dans l'Espagne médiévale*, Paris, Séminaire d' Etudes Médiévales Hispaniques, 1992. Essa tendência torna-se também patente na *Vida de San Millán*, de Gonzalo de Berceo, sobretudo na forma como é apresentada a batalha de Simancas, situando-se num ponto intermédio entre as tradições analítica e historiográfica e o *Poema de Fernán González*. Considerações mais desenvolvidas sobre o assunto em Miranda, «Do rex Ranemirus...».

<sup>21</sup> Cf. Gabrielle Spiegel, *The Past as Text: the theory and practice of medieval historiography*, Baltimore and London: John Hopkins University Press, 1997; para o caso ibérico, ver a recente abordagem de Maria do Rosário Ferreira, «Historiografia Medieval em Portugal: Velhos Textos, Novos Caminhos», in Maria do Rosário Ferreira (org.), *O Contexto hispânico da Historiografia Portuguesa nos Séculos XIII-XIV. Em memória de Diego Catalán*, Coimbra, Cadernos de Literatura Medieval, CLP, 2010, p. 7-18.

nem mesmo o local da batalha é respeitado — Simancas, na fronteira entre Leão e Castela, passa agora a ser Hacinas, bem no coração do território castelhano<sup>22</sup>.

Não nos alongaremos mais sobre as inovações trazidas por este texto à *Estória de España*, grande parte delas destinadas a repercutir-se pelo tempo fora devido ao facto de ter sido tratado como fonte primária pela historiografia alfonsina. Interessa-nos reter que, ao contrário do que sucedia na narrativa de Simancas que vimos atrás, não se regista agora a aparição de nenhuma estrela rasgando o céu, nem de nenhum eclipse ou outro fenómeno astral, pelo menos à superfície. Consumando a eliminação definitiva de um imaginário que durante milénios acompanhou a realização de recontros militares decisivos, o seu lugar irá ser ocupado pela serpente (ou *culebro*), aquela mesma que dera entrada na literatura peninsular com o relato da conquista de Santarém.

Cenaron e folgaron    essa gente cruzada,  
 todos a Dios rogaron    con voluntad pagada  
 que y les ayudasse    la su virtud sagrada,  
 et fuessen venturosos    d'aver la lid rancada.

Vieron aquella noche    una muy fiera cosa:  
 venia por el aire    una sierpe rabiosa,  
 dando muy fuertes gritos    la fantasma astrosa,  
 toda venie sangrienta,    bermeja commo rosa.

Fazia ella senblante    que ferida venia,  
 semejava en los gritos    que el çielo partia,  
 alunbrava las uestes    el fuego que vertia,  
 todos ovieron miedo    que quemar los queria.

Non ovo ende ninguno    que fue' tan esforçado  
 que grand miedo non ovo    e fuesse espantado;  
 cayo y mucho omne    en tierra deserrado,  
 ovieron muy grand miedo    todo el pueblo cruzado.

Despertaron al conde,    que era ya dormido;  
 ante que el veniesse    el culuebro era ido,  
 fallo todo el su pueblo    commo muy desmaido,  
 demandando del culuebro    commo fuera venido.

---

<sup>22</sup> Ver Miranda, «Do rex Ranemirus...».

Dixeron gelo todo de qual guisa veniera,  
 como cosa ferida que grandes gritos diera,  
 vuelta venia en sangre aquella bestia fiera:  
 la tierra s' maravillan como non la ençendiera<sup>23</sup>.

A serpente assume no poema a parte que lhe cabe na função de conferir à batalha uma dimensão que transcende o domínio humano, bem à medida do papel quase fundacional do futuro reino de Castela que essa batalha é chamada a desempenhar no conjunto da narrativa. Substituindo o recurso à acção dos astros, a serpente traz consigo uma animização do agente promotor dessa intervenção extra-humana. Onde antes se observava uma sintonia entre o mundo dos astros e o dos homens, mas simultaneamente uma prudente ausência de contacto directo entre esses dois mundos, há agora uma contiguidade entre ambos e a implicação directa da aparição de um animal fantástico no mundo dos homens.

A relação assim postulada está, no entanto, marcada pela oposição e pelo conflito. Se, no *De Scalabis Expugnatione*, o *culubrum* funcionava como um signo não directamente ameaçador, conquanto horrendo, aqui a *serpe/culebro* (mais adiante *serpiente*) infunde medo na hoste cristã e obriga os homens de guerra a socorrerem-se do juízo do chefe para poderem lidar com a ameaça. E se a *serpe ravisosa*, em boa verdade, não chega a agredir directamente ninguém, o fogo que lança, o semblante de animal ferido e os enormes gritos que dá são suficientes para espalhar o terror generalizado.

Muito interessantes são, a esse respeito, as palavras do Conde interpretando o sentido da aparição aérea, palavras que aqui cumprem a mesma função que no opúsculo crúzio se atribuía às exclamações do colectivo dos guerreiros:

Mando a sus varones el buen conde llamar,  
 quando fueron juntados mando los escuchar:  
 el derie que queria la serpiend demostrar;  
 luego de estrelleros començo de fablar.

Los moros, bien sabedes, se guian por estrellas,  
 non se guian por Dios, que se guian por ellas;  
 otro Criador nuevo han fecho ellos d'ellas,  
 diz que por ellas veen muchas de maravellas.

---

<sup>23</sup> *Poema de Fernán González*, edição de Alonso Zamora Vicente, Madrid, Espasa-Calpe, 1946, est. 467-472.

Ha y otros que saben    muchos encantamientos,  
 hacen muy malos gestos    con sus espiramientos,  
 de revolver las nuves    e revolver los vientos  
 muestra les el diablo    estos entendimientos<sup>24</sup>.

Ora as palavras de Fernán González começam por relacionar a aparição da serpente de fogo com o mundo dos astros e com as artimanhas dos mouros que eram «estrelheiros» e teriam mesmo feito das estrelas uma nova religião. Teria sido essa capacidade de dominar o mundo sideral, e com ele os ventos e tudo quanto é aéreo, que lhes teria permitido construir aquele encantamento, que assim aparece como um elemento deliberadamente hostil ao campo cristão. É muito claro que o redactor do poema não só atribui intuítos maléficos à serpente, como a filia na prática da astrologia que, desse modo, é também colocada em causa enquanto domínio do saber admissível.

Ou seja, se no *De Scalabis* havia uma relação implícita entre a estrela e o *culubrum* — até porque são fenómenos que ocorrem em momentos consecutivos e paralelos —, aqui essa relação permanece intacta porque tanto astros como serpente constituem emanações de uma mesma causa que seria a capacidade maléfica de manobrar a astrologia atribuída aos muçulmanos. Mas, ao contrário do opúsculo comemorativo da tomada de Santarém aos mouros, o poema catelhano faz alinhar definitivamente a serpente do lado do mal, do inimigo inconciliável que é necessário aniquilar, o que não era possível deprender da leitura do texto latino sobre a conquista de Santarém<sup>25</sup>.

Tal não significa que aparições celestes de recorte fantástico, mas de natureza diversa, não sejam igualmente convocadas em benefício do campo cristão. De facto, é nesta mesma narrativa de Hacinas do *Poema de Fernán González* que se assiste à mais conhecida e completa aparição de Santiago em campo de batalha alguma vez narrada. O apóstolo Santiago vem, pois, contrariar a aparição da besta raivosa, sendo que ambos possuem recortes imagéticos — figuras sobrenaturais, animadas e directamente implicadas na acção dos humanos em contenda —, que são fundamentalmente do mesmo tipo.

Porque o imaginário teriomórfico e o imaginário hagiográfico comungam das mesmas características de animação e de proximidade do mundo humano, as figuras que lhes dão corpo revelam-se perfeitamente aptas para constituir

---

<sup>24</sup> Ed cit. est. 475-477.

uma projecção desse mundo, agora dividido numa oposição irreductível entre mal e bem, entre mouros e cristãos.

No *Poema de Fernán González* não está em causa a simples substituição do rei de uma cidade, como no *De Scalabis Expugnatione*. É do aniquilamento do adversário que se trata, já que ele manobra as artes que são demoníacas e incompatíveis com a sobrevivência da sociedade humana instituída em nome da ordem divina. Por isso, o lado cristão precisa do apoio do exército vestido de branco capitaneado pelo Apóstolo para obter a desejada vitória. Na realidade, a *serpente* não é mais do que o contraponto necessário da invenção de Santiago guerreiro ao lado da hoste cristã, num processo de procura de legitimação divina que encontra neste poema o seu ponto culminante<sup>26</sup>.

#### IV

Como dissemos, a narrativa do *Poema de Fernán González* conhecerá uma enorme divulgação devida à atenção que as crónicas lhe vieram conferir. Mesmo que outros cenários de um imaginário celeste suscitado pela procura da legitimação divina do poder ocorram nas extensas páginas da historiografia alfonsina e pós-alfonsina, a *Hacinas* será sempre atribuído um papel central que, pela sua importância, virá a obscurecer e a marginalizar tudo o resto. Desse modo, a par de Santiago «matamoros», também a serpente aérea que exala fogo conhecerá uma posteridade relevante.

Todavia, há que ter em conta algumas curiosas características dessas reescritas cronísticas. Em primeiro lugar, pese embora o seu natural conservadorismo face à fonte herdada, não deixa de ser visível nas crónicas uma generalizada tendência para a diluição ou mesmo para a anulação dos aspectos agressivos da serpente. Tal facto, como facilmente se verificará pelos exemplos elencados adiante, decorre de todas as versões terem como ponto de partida o mesmo protótipo alfonsino, ao qual deverão ser assacadas as responsabilidades por tais

---

<sup>25</sup> Sendo patente que o redactor do poema teve acesso a fontes antigas, nem todos os aspectos da descrição da serpente nele contido relevam dessas fontes. Os exemplos de dragões apontados por Hernando Pérez, *Poema...*, p. 297-298, nomeadamente Valerio Maximo, não contêm qualquer identificação explícita do animal com o inimigo, muito menos adquirem à partida uma dimensão ética.

<sup>26</sup> Sobre o tema, ver Miranda, «Do rex Ranemirus...».

tendências de escrita<sup>27</sup>. Dito isto, também é possível encontrar nestes textos algumas pequenas inovações significativas, predominantemente de âmbito meramente lexical. Começamos pela *Versão Crítica da Estória de España*<sup>28</sup> promovida por Afonso X nos últimos anos da sua vida (1282-1284):

E desde fue la noche, vieron vna sierpe rrauiosa venir por el aire toda sangrienta e commo ferida, e daua tan fieros siluos que non ovo y ninguno que non fuese espantado, e tan grandes fuegos echaua por la boca que todos los de la hueste se vian unos a otros. E despertaron al conde que yazie dormiendo, mas, quando el fue leuantado, era ya pasada aquella serpiente (ed. Campa, p. 300)

A *Versão Amplificada da Estória de España*<sup>29</sup>, redigida no tempo de Sancho IV, por volta de 1289, transmite o seguinte texto:

Et desde ennochecio uieron una serpiente yrada que uinie por el aer sangrienta e como rrauiosa et daua tan fieros siulos, que non ouo y ninguno que non fuesse espantado; et tan grandes fuegos echaua por la boca, que todos los de la hueste se ueyen unos a otros. Et despertaron al conde que yazie durmiendo; mas quando el fue espierto et leuantado, passada era aquella serpiente. (PCG, I, p. 402 a)

---

<sup>27</sup> Sobre as diversas versões da *Estoria de España* alfonsinas e pós-alfonsinas, ver Diego Catalán, *De Alfonso X al conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962; Idem, *La Estoria de España. Creación y Evolución*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal, 1992; Inés Fernández-Ordóñez (al cuidado de), *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*, Valladolid, Centro para la edición de clásicos, 2000; Idem, *La Versión Crítica de La Estoria de España. Estudio y Edición desde Pelayo hasta Ordoño II*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal, 1993; Mariano de la Campa Gutiérrez, «La Estoria de España de Alfonso X: La Versión Crítica en los primeros reyes castellanos», *Actes del X congrés Internacional de l'AHLM*, Volum I, Alacant, 2005 e Idem, «Los reyes de Castilla en la Estoria de España alfonsí: el testimonio del manuscrito F», *Actas del IX Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, I, Universidad da Coruña, 2005. Sobre a chamada Versão Amplificada, é de ter em conta as observações recentes de Francisco Bautista, *La Estoria de España en la época de Sancho IV: Sobre los reyes de Asturias*, London, Department of Hispanic Studies, Queen Mary, University of London, 2005.

<sup>28</sup> Citaremos pela edição de Mariano de la Campa Gutiérrez, *La Estoria de España de Alfonso X. Estudio y edición de la Versión Crítica desde Fruela II hasta la muerte de Fernando II*, Málaga, Analecta Malacitana, Anejo LXXV de la *Revista de la Sección de Filología de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Málaga*, 2009.

<sup>29</sup> *Primera Crónica General de España (PCG)*, publicada por Ramón Menéndez Pidal, 2 voll, Madrid, Editorial Gredos, 1955.

Pelo seu turno, a tradução galego-portuguesa da *Estória de España* constante do ms. 8817 da Biblioteca Nacional de España, de meados do séc. XIV, diz o que se segue:

Et, desque anoiteç[eu], virõ hũa serpent yrada, que vijna pelo aere s[an]g[oê]ta et como rauyosa, et daua tam feros aseuios, que nõ ouue y nêhũu que nõ fossem espantados; et tam grandes fogos daua pela boca, que todolos da oste sse vijam hũus outros. Et espertarõ o conde, que iazia dormindo; mais, quando el foy esperto e leuantado, passada era aquella serpente (ed. Lorenzo, p. 109).

Decorrendo do mesmo protótipo alfonsino mas tendo usado também a sua fonte, ou seja, uma redacção do *Poema de Fernan González*<sup>30</sup>, o texto apresentado por D. Pedro, Conde de Barcelos, na sua *Crónica de 1344*, revela outras tendências que de algum modo prolongam e coroam estes trajectos de construção do imaginário — analítico, épico e cronístico — cujas características temos vindo a apontar. Vejamos o texto tal como este se apresenta num dos testemunhos da primitiva redacção que actualmente apenas se conserva vertida para castelhano<sup>31</sup>, o único que contém esta parte da narrativa:

Et [v]ieron por la mañana un dragon muy grande et mucho espantoso et dando muy grandes bozes et semejava que venia toda llena de sangre et los baladros que dava eran [tan] espantosos que semejava que al cielo llegavan, et llebava la boca abierta et lançava por ella llamas de fuego que semejava que toda la hueste queria quemar et tamañas eran las llamas del fuego que alumbravan la hueste. Et no hubo ya tal que lo viesse que del non oviese muy grande espanto, cuidando que se queria descender sobre ellos. Et muchos dellos cayeron en tierra con miedo et todos fincaron mu[y] espantados et fueron despertar el conde que yazia dormiendo. Et quando el conde desperto era ya el dragon ydo (Ms M, foll. 96v-97r).

Pelo seu lado, na refundição portuguesa da *Crónica de 1344* realizada *circa* 1400,<sup>32</sup> é dito o seguinte:

<sup>30</sup> Cf. Luís Filipe Lindley Cintra, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol I (Introdução), Lisboa, Academia de História, 1951, p. XXXIII e seg..

<sup>31</sup> Cf. Cintra, «Crónica...», I, p. CDXC e seg.. Os primeiros cinquenta fólhos do ms 2658 da Biblioteca Universitária de Salamanca (M) foram editados por Diego Catalán, *Edición Crítica del Texto Español de la Crónica de 1344 que Ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, Madrid, Gredos, 1970.

<sup>32</sup> Cf. Cintra, «Crónica...», I, p. CDXCIII e seg..

E elles em esto estando, cada huu em seu lugar, virom essa noyte viir voando pello aar hũu dragõ muy grande e muy spantoso, dando muy grandes braados; e semelhava que ao ceo chegavã. E levava a boca aberta e lançava per ella chamas de fogo, que semelhava que toda a hoste queria queymar; e tamanhas eram as chamas de fogo que que alomeavã toda a hoste. E non ouve y nẽ hũu, por esforçado que fosse, que esto visse, que dello nõ ouvesse muy grande spanto, cuydando que querya decender sobre elles. E muytos delles cayrom ã terra cõ espanto. E a esto forõ espertar o conde, que jazia dormyndo. E quando o conde foy esperto, era já o dragõ ido (ed. Cintra, III, p. 54)<sup>33</sup>.

Com efeito, embora tendo por base a redacção alfonsina, a *Crónica de 1344* retoma alguns elementos textuais abandonados por essa redacção, dando do animal uma descrição muito pormenorizada onde é visível a reposição dos seus aspectos agressivos, tal como se podem ler no *Poema de Fernán González*. Mas não é essa a única inovação trazida pela escrita do Conde de Barcelos. Uma pequena alteração aos textos, de âmbito meramente lexical, adquire uma flagrante visibilidade, sendo reveladora de uma transformação de fundo de todo o imaginário celeste significativamente actuante neste tipo de escrita: é aqui que se atribui pela primeira vez à *serpe ravisosa* a designação explícita de *dragon*.

Não nos adiantaremos muito sobre as razões que terão levado o Conde de Barcelos a alterar a designação desse animal fantástico, voador e flamejante, que ao longo de perto dois séculos se fixara na Península Ibérica — em latim, castelhano e galego-português — nas formas *serpens*, *serpe*, *serpente*, ou em *colubrum*, *culobro* ou *coobro*, e *culebro*, sendo esta última, segundo tudo leva a crer, a designação tradicional ibérica para a versão comum, não-fantástica, do animal correspondente.

Bastará mencionar a apreciável população de dragões já então difundida pela tradução do romance arturiano em prosa, que D. Pedro Afonso manejou em vários passos da sua obra historiográfica e genealógica<sup>34</sup> — além dos dragões

<sup>33</sup> A lição retida por Cintra provém do manuscrito L. De notar também as variantes do manuscrito P: «A noyte seguinte, apareceo no aar hũu voante dragõ ensangoentado, lançando chamas e dando sobervos e espantosos braados. Os da hoste foron cheos de temor com esta vison. O conde dormya e, quando o acordaron, desaparecera já o dragam».

<sup>34</sup> Sobre o conhecimento do romance arturiano em prosa por D. Pedro, Conde de Barcelos, remetemos o leitor para textos a publicar no volume de Dezembro de 2013 na revista *e-Spania* (<http://e-spainia.revues.org/>) da autoria de Francisco Bautista e de José Carlos Miranda.

presentes em vários livros da Bíblia, de conhecimento corrente na cultura letrada da época — para ser fácil perceber o processo que levou a esta renomeação por ele operada, e abertura de caminho a uma formulação ainda hoje plenamente reconhecível.

Para além deste apontamento de natureza literária, permanece o quadro traçado e a dimensão do seu significado. Embora os dragões estejam presentes tanto na cultura ancestral europeia como nas culturas exteriores e anteriores a esta, o imaginário celeste associado à actividade bélica instituído no circunscrito espaço da Península Ibérica conferiu durante muito tempo primazia à dimensão astral desse imaginário, numa postura objectivista e de afastamento dos fenómenos evocados face ao mundo humano. A alteração radical desse imaginário dá-se a partir do séc. XII, no contexto de uma mudança global de paradigma civilizacional que afecta a Europa em crescimento e expansão, caracterizando-se, neste caso, pela emergência de um imaginário celeste interventivo, próximo, teriomórfico ou mesmo antropomórfico. Esse imaginário apresenta-se agora eticamente definido no sentido de proceder à identificação, recusa e destruição do Mal — o dragão —, ao mesmo tempo que faz emergir as figuras transcendentais, mitificadas e protectoras associadas ao Bem, cuja máxima expressão se encontra no apóstolo Santiago.

Não resultará absolutamente nada surpreendente que, nos dias de hoje, as figuras geradas por este último imaginário sejam ainda plenamente identificáveis, enquanto as que davam corpo ao imaginário mais arcaico se tenham esfumado definitivamente. Tal apenas significa que a cultura europeia e ocidental em geral — pese embora as radicais alterações que conheceu nos séculos recentes — é ainda perfeitamente capaz de reconhecer as suas origens próximas, mesmo que essas origens ostentem já umas pesadas centenas de anos. É sobretudo notável que, mesmo não fazendo dessas figuras do imaginário o mesmo uso que envolveu a sua criação, a actualidade retenha ainda delas traços semânticos tão característicos da mudança de paradigma social e cultural dos séculos XII e XIII, como são a oposição radical entre o Bem e o Mal, sem contemplações para com este último, instituído em objecto de obrigatória aniquilação.